

Ana Costa dos Santos. *Voo breve sob o sol*. São Paulo: Círculo de poemas, 2025. 113 p.

Voo Breve Sob o Sol (Círculo de poemas, 2025) é o terceiro livro de poemas de Ana Costa dos Santos, poeta laureada com os prêmios Governo de Minas Gerais de Literatura e Minuano/RS por sua produção anterior, *Fabulário* (Confraria do Vento, 2019), e finalista do Açorianos de Literatura/RS com seu livro de estreia no gênero, *Móbile* (Patuá, 2017).

Nesta nova coleção de poemas, a poeta organiza um percurso em quatro movimentos: “Lá fora já começa o fim do mundo”, “O trabalho dos vivos”, “Custou-me tanto esta chama”, “O vento tem muitos nomes”. Essas quatro seções estão sob a égide maior do próprio título do livro, que, conforme a epígrafe nos informa, é extraído do poema “Entre noites”, de Donizete Galvão: “escuridão // voo / breve / sob / o sol // segunda escuridão”.

Trata-se, portanto, de uma poesia organizada em torno da ideia de uma breve fulguração de vida entre dois pontos de escuridão e não-ser, com todos os mistérios envolvidos nas passagens entre esses estágios.

A primeira seção, “Lá fora já começa o fim do mundo”, se centra, sobretudo, em meditações a respeito dos “passeriformes”, como a poeta cuidadosamente se refere a eles em um desses tantos momentos em que encontra, justamente no vocábulo preciso, uma beleza pouco avistada. Essa precisão vernácula parece refletir e acentuar ainda mais a precisão da observadora, que acompanha a rotina dos pássaros no ninho, do nascimento até o primeiro voo, buscando, nesse movimento, lições de vida para si mesma e para nós. Isso tudo já se nota no primeiro poema do livro:

Tratado inexacto sobre a reprodução dos pássaros

Ocorre assim:

a fêmea choca os ovos
dia e noite — se preciso,
contra o vento, sob a chuva,
as plumas úmidas, os olhos
inocentes.

Temo que os ovos se quebrem
antes da hora, temo que dentro deles
haja pequenos pássaros
mortos,
julgo precária a arquitetura do ninho,
pressinto o cerco
das aves de rapina.

Ela espera, inabalável,
alheia ao que não seja
a fé mais pura.
Ela sabe que está no mundo
para ser um lume
sempre aceso.

E nascem os filhotes,
vivos, nus, cegos, famintos,
seus corpos são bicos abertos,
a mãe os alimenta com aquilo
que guardava em si,
num gesto repetido desde a origem
dos passeriformes.

Chegado o tempo, ela
bate as asas com alarde,
ensinando a coragem para o salto,
ensinando a ir embora
para muito longe
(os pássaros não sentem
saudades).

Todos os voos no primeiro voo,
no abrir canhestro
das asas recém-feitas.

É breve a infância dos pássaros.
Primeiro abandonam o ninho,
depois a árvore, depois se perdem
entre outros tantos,
até que não os reconheço.

Olhando o ninho vazio,
me pergunto se existiram,
como quem deixa de crer em milagres,
como quem já foi feliz
e esqueceu,
como quem se vê sozinho
ao fim da festa.

Isso é o que aprendi
em setembro.

Não é incomum que poetas selecionem um de seus poemas mais fortes para abrir um livro. Se não for o melhor, pelo menos deve dar o tom, funcionar como um cartão de

visitas, uma carta de intenções, um manifesto poético. O poema acima caberia também em todas essas outras definições. Nele, há imagens e temas que serão recuperados insistentemente ao longo do livro: o primeiro (e o último) voo de um pássaro, os ovos gorados, a árvore como símbolo da casa, o lume (ou chama) como símbolo concatenador de todas as experiências de vida e de família dentro de uma casa, o ninho vazio (e a casa vazia), a ação do vento e da intempérie, o conhecer(-se) e o já não mais reconhecer(-se), o movimento frágil da vida como uma espécie de milagre, a beleza nas coisas mais simples e cotidianas.

Escritos majoritariamente durante a pandemia de Covid-19, muitos dos poemas incorporam a paisagem afetiva desse período, marcada pelo isolamento, pelo medo e pela incerteza — uma experiência de vulnerabilidade radical. Em contraponto, como se a sombra deixasse ver melhor a luz, a vida também aparece mais intensa, mais palpável. Na segunda seção do livro, essas duas forças — o desamparo e a resistência da vida — se tornam ainda mais evidentes.

Em “O trabalho dos vivos”, desenvolve-se principalmente o tema da morte, sobretudo na figura da avó: a fragilidade do corpo idoso, a preparação para a morte, o luto, a casa vazia. Ainda que apresentados linearmente aqui, para fins de exame, esses elementos são costurados pela poeta de forma não-linear, num vai-e-vem que nos leva a ver uma figura da avó tanto viva quanto morta, tanto ausente quanto presente, numa construção que — poderíamos argumentar — emula justamente o trabalho do luto, o trabalho dos vivos: levar adiante a presença daqueles que já não estão mais conosco, lidar com essa ausência que se faz tão presente.

Seguindo para a terceira seção do livro, “Custou-me tanto essa chama”, o leitor e a leitora notarão que ela se organiza em torno da imagem do vaga-lume, como retomado por Didi-Huberman, em *Sobrevivência dos Vaga-lumes*, a partir de um famoso artigo de Pier Paolo Pasolini. A poeta, contudo, faz sua própria leitura da simbologia dos vaga-lumes:

A extinção dos vaga-lumes

Só nas noites da infância
vaga-lumes existiam.
Só na memória
aquelas luzes mínimas pulsando
num código amoroso, decifrável.

Vaga-lumes não se lançam

ao nosso fogo: são o próprio fogo.
Quanto mais noite, mais fogo.
E era de perto que eu os via
queimar
no breu perfeito
do jardim da avó
(o vidro vazio
que herdei de meu pai
esquecido entre as mãos).

Os vaga-lumes:
coisas perdidas, coisas
de muito longe, muito antes.
Nem sequer desejo
revê-los. Basta supor
que ainda vivem,
como tudo o que brilha
e prescinde
dos meus olhos.

Enquanto para os dois críticos citados os vaga-lumes surgem como símbolos de resistência do pensamento, do corpo e da cultura diante do poder político, da mídia, da lógica do consumo, para a poeta, parece-nos que os vaga-lumes simbolizam as experiências e as alegrias perdidas na infância, já não mais alcançáveis, mas com cuja perda o sujeito lírico do poema parece já ter se apaziguado, conforme a belíssima formulação da estrofe final: “[...] Basta supor / que ainda vivem, / como tudo o que brilha / e prescinde / dos meus olhos.”.

O poema em questão é um dos únicos três poemas mais longos dessa seção, a terceira. Os outros dois poemas mais longos são o de abertura da seção, “Uma árvore”, e o que vem logo após o poema dos vaga-lumes, “Em meio a isso tudo, a alegria”. Ambos trazem imagens de pássaros, ainda que com temáticas e usos diferentes. O primeiro poema fala de uma árvore morta tendo seus galhos levados embora por pássaros. O segundo, por sua vez, desenha, de forma complexa, a relação do sujeito lírico com seu pai, que teme voar, informação que nos é dada após a imagem de um pássaro que entrava em casa nas noites de tempestade, atraído pela luz de uma vela, e que ora cantava, ora se debatia contra as paredes. Os demais poemas da seção têm poucos versos, quase todos entre três e oito, sendo vários de cinco versos na disposição de um tanka, e lidam quase sempre com imagens naturais. É quase como se víssemos a rarefação, tanto imagética quanto versificatória, das temáticas que vinham sendo exploradas nas primeiras seções: um movimento de fechamento na dissolução.

Por fim, a quarta seção, “O vento tem muitos nomes”, parece uma espécie de apêndice: nela, há uma variedade maior de temas e formas (incluindo até sonetos), num diálogo variegado com outras poéticas e poetas: Horácio, Adélia Prado, Wislawa Szymborska, Sylvia Plath, e Elomar, Tarkovski etc. Se aceitarmos correta a hipótese de que o vento aí mencionado seja a influência de outras poéticas, teríamos uma justaposição curiosa entre as imagens das outras seções, onde o vento aparece como símbolo para dificuldade e como um dos elementos que marcam a passagem do tempo, e a desta seção, onde ele aparece como sopros que trazem diferentes inspirações. Na síntese dessas imagens díspares — se não for demasiado sugeri-lo —, talvez tenhamos a possibilidade de enxergar e dar sentido às experiências humanas a partir das somas de experiências dos que nos antecederam, tanto biologicamente quanto poeticamente.

Em *Voo Breve Sob o Sol*, a poeta aposta numa sensibilidade que se deixa afetar pelo que observa, revelando uma disposição emocional que, contudo, evita o regime da confissão, no que se diferencia no cenário da poesia brasileira contemporânea. A atenção delicada e a contemplação implicada da vida e da morte dão a tônica do livro – muitas vezes ligadas ao mundo natural, à sensibilidade que brota da apreciação da arte e às relações humanas percebidas em sua sutileza. Nesse quadro, o livro se configura como um conjunto de elegias e celebrações que, mesmo diante da escassez ou da aridez da experiência, conseguem dela extrair beleza e sentido; o motivo dos pássaros e das luzes intermitentes opera como emblema para pensar a vida enquanto gesto contingente, porém insistente, de resistência. Tomada como um todo, a publicação de Ana Santos a confirma como uma das vozes mais instigantes e habilidosas da nossa poesia, pela forma com que dialoga com a tradição a partir de um olhar notavelmente contemporâneo e atento às questões de seu tempo.

Leonardo Antunes

Moema Vilela